



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

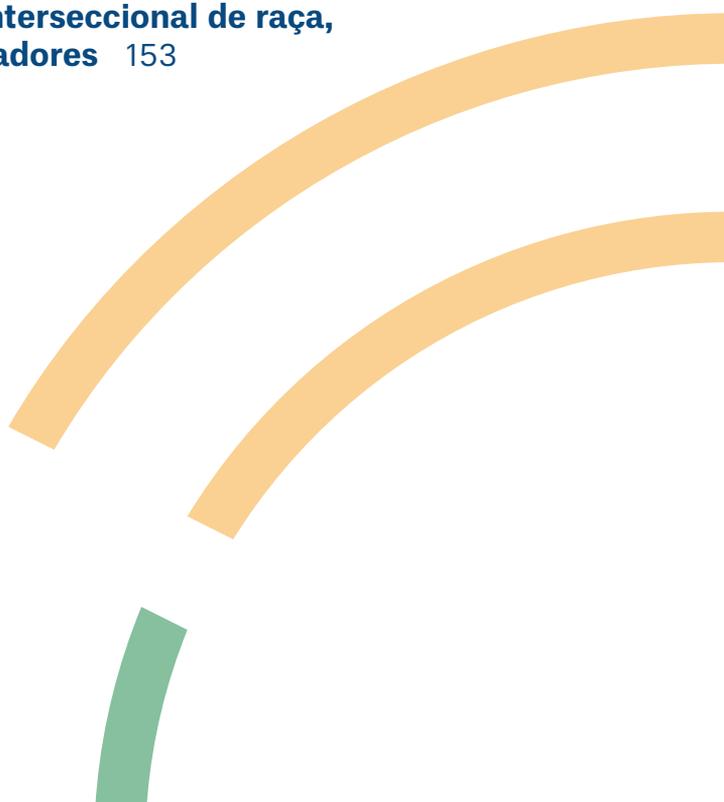
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras

Kátia Silene Souza de Brito

Filha de pais pretos do Recôncavo Baiano

Sou filha de pais negros, do interior do recôncavo baiano, mais especificamente a terra de Santo Amaro da Purificação, Bahia. Uma cidade desconectada do seu passado histórico, pouco desenvolvida economicamente, reflexo das desigualdades sociais, regionais, estaduais e municipais. Minha família, de origem nordestina, foi marcada por uma vida de carências afetivas, sociais e econômicas. Minha mãe, Therezinha, cresceu em uma casa de adobe, sob a luz de um candeeiro e/ou uma lanterna de carbureto. Naquele tempo não havia acesso a luz elétrica ou a meios de comunicação – TV ou rádio. Não lhe foi permitido experimentar a infância, aos oito anos foi marcada por um acontecimento fatídico, a morte de minha avó, que deixou órfãs mais duas crianças, minhas tias. Meu avô, pai solo, pedreiro por profissão, teve de criar as três filhas. Infelizmente, devido aos acontecimentos, minha mãe teve que abandonar a escola aos oito anos para auxiliar o meu avô na criação das irmãs. Assim, não concluí os níveis da educação básica, conseguindo apenas ser alfabetizada. Meu pai Otávio também na adolescência teve que aprender a conviver com a morte do meu avô, que deixou minha avó, mãe solo, com oito filhos para criar. Meu pai, diferentemente de minha mãe, conseguiu finalizar o primeiro ciclo do ensino fundamental e passar no exame de admissão que dava acesso ao ginásio – correspondente hoje ao segundo ciclo do ensino fundamental. Entretanto, teve que desistir de seu sonho, pois a cidade onde daria continuidade aos estudos ficava a quilômetros de distância de Santo Amaro.

Na época, no Recôncavo Baiano, eram poucas as crianças de origem pobre – em sua maioria, negras – que conseguiam ter acesso, frequentar e concluir o ensino básico. Os jovens não estudavam, apenas trabalhavam, as dificuldades eram diversas, principalmente

financeiras, muitas crianças na infância se dividiam entre os afazeres domésticos ou os trabalhos – como lavadeira, pedreiro, babá, doméstica, vendedora, tipógrafo etc. – para auxiliar no sustento da família. Naquele período, o processo de escolarização da população negra e pobre não era uma prioridade para o governo brasileiro, e os sonhos do meu povo negro eram colocados em segundo, terceiro ou quarto plano, ficando cada vez mais distantes, se tornando uma realidade impalpável. Nota-se ainda que, ao longo das gerações, privados do acesso à educação, tivemos também nossa ancestralidade continuamente apagada, e com isso a história do nosso povo foi sendo substituída pelos ensinamentos eurocêntricos.

A educação e o racismo estrutural

Influenciados pelas vivências e traumas, minha mãe e meu pai investiram na minha educação e na das minhas duas irmãs. Tinham a convicção de que a educação poderia transformar nosso futuro, nos dando uma vida digna e de qualidade. Meus primeiros passos foram dados no ensino privado, ironicamente na Escola Monteiro Lobato. Os recursos advindos dos trabalhos autônomos de minha mãe e de meu pai nos permitiram o acesso a um ensino próprio de uma cidade do interior baiano. A escola era distante da minha residência e tínhamos que nos locomover a pé até ela. Pertencemos à geração formada pela ditadura, produto de uma educação baseada no silêncio e na naturalização da violência.

Na formação inicial, as tarefas escolares estimulavam a reprodução do sistema, não fui ensinada a questionar. Foi uma formação autoritária, conservadora, patriarcal, racista e nacionalista, que privilegiava a padronização de nossos corpos. Convivi em um ambiente em que era natural utilizar expressões racistas para se referir à negritude. Nossas raízes foram excluídas dos livros didáticos, das salas de aula, do cotidiano, com a castração dos saberes, em uma educação de raízes estruturais escravagistas e eurocêntricas. Não fui ensinada a valorizar a cultura negra, a minha ancestralidade, mesmo que tenha nascido em um município de maioria negra. Durante a infância e adolescência não fui ensinada a ter consciência negra, isso me foi roubado. O lema da democracia racial era constantemente reproduzido pelas escolas, mídias, governos. Ter cabelo crespo, assumir sua identidade negra, era sinônimo de feio e sujo.

Por isso, a escola para mim era vivenciada como um local de opressão e perseguição, os *bullies* eram constantes, com apelidos e brincadeiras racistas. A educação ainda trazia as mazelas do passado escravagista, o passado era constantemente presente. Isso se reflete até hoje, o tempo ainda não apagou esses registros da minha memória. A transição para o ensino médio marcou o sonho de minha mãe em formar as filhas no Magistério, mas, para mim, foi o encontro com o ensino público. Essa passagem criou lacunas na minha educação que seriam irremediáveis – ausência de disciplinas, professores e conhecimento. Após a formação em Magistério, o sonho de me inserir no ensino superior ficou no esquecimento, não havia como concorrer aos cursos de minha preferência, pois era exigido, no processo seletivo para ingresso em alguns cursos, além do vestibular, que se fizesse uma prova de habilidades

específicas. Para mim não havia essa possibilidade, era necessário ter experiência anterior ou recursos financeiros para pagar cursos preparatórios e concorrer com os filhos da branquitude.

No final, depois de passados dez anos desde a minha formação no ensino médio, ingressei no meu primeiro curso do ensino superior, Comunicação Social – Jornalismo, em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb), mas o curso foi interrompido por diversos fatores que me impediram de frequentá-lo. Com mais maturidade, constato que as questões que me afastaram da universidade vão além da vulnerabilidade socioeconômica, também estavam relacionadas à saúde mental e ao racismo estrutural presente no ambiente acadêmico. Enfim, chego a 2013.

Finalmente, eu, Kátia, na UnB

Já se passaram sete anos desde que iniciei a graduação no curso de Museologia da Universidade de Brasília. Foram muitos os percalços até atingir as conquistas e vitórias que o ingresso na UnB me proporcionou. Após interromper minha primeira graduação, as cotas raciais surgiram como a última esperança, diante dos seculares golpes aos sonhos de pessoas negras que, como eu, tentam trilhar os caminhos rumos à educação superior. Sempre acompanhei os debates sobre políticas públicas de reparação, até a implementação da política de ação afirmativa pelo governo Lula, mas não via essa oportunidade como uma possibilidade real.

Passados alguns anos desde a criação da política de cotas para as universidades, que beneficiou milhares de negros no Brasil, com certa apreensão, fiz em 2003 a prova do Enem, sem muitas expectativas de sucesso, pois a UnB era um sonho quase impossível, mas... finalmente ingressei na Universidade! Era o momento em que deixava de ser coadjuvante para ser protagonista da minha própria história. As cotas raciais me garantiriam a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e aplicar minhas habilidades e experiências anteriores para apoiar a nova história que estava sendo construída pelo povo negro que ingressava na universidade pública. Foi assim que nos permitiram disseminar novos saberes, dar origem a novos olhares, a partir de pautas antes invisibilizadas pela academia. Foi um desafio, pois essa circunstância não só ampliou a minha visão para novas temáticas, mas também impactou o universo de toda a comunidade da UnB.

Foram diversas as minhas vivências acadêmicas, uma mescla de satisfação e frustração. De início, viver na região Centro-Oeste, no Distrito Federal, foi uma experiência angustiante. A Universidade, apesar de as cotas raciais terem sido instituídas em 2003, ainda não estava preparada para receber os estudantes negros, quilombolas, indígenas, oriundos da escola pública, de diversas comunidades do território brasileiro. E conviver com o racismo estrutural velado era um desafio, faltava acolhimento e apoio financeiro. Os primeiros meses após o ingresso foram muito difíceis, não obtive acesso a nenhum auxílio para custear moradia e alimentação, era uma estudante em vulnerabilidade socioeconômica, residindo de favor em um distrito de Planaltina-DF, distante do Campus Darcy Ribeiro. Essa fase

perdurou até eu conseguir, no segundo semestre, as bolsas destinadas aos estudantes em vulnerabilidade, fornecidas pela Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS).

Foi por intermédio de professoras negras e antirracistas, dos projetos de extensão e iniciação científica, de seminários, cursos, debates, discussões, encontros, congressos e exposições que pude perceber o quanto era importante me manter firme na conclusão da graduação na UnB (Brito, 2021). Nessa época se intensificou meu interesse pela aplicação das Tecnologias da Informação e Comunicação e produzi alguns artigos (Da Silva Oliveira; De Brito, 2019). Surgiram oportunidades de adquirir mais conhecimentos sobre a produção audiovisual e produzi conteúdos audiovisuais por meio da experiência com a UnBTV e o projeto Museologia Virtual.

Entretanto, os caminhos no interior da Universidade nos reservam desafios diários – em relação a alimentação, moradia, transporte, acesso ao ensino, saúde mental. Circular pelo Campus Darcy Ribeiro é reconhecer a presença latente do racismo no meio acadêmico, como um trem fantasma, sempre nos oferecendo desagradáveis surpresas. Esses conflitos quase me fizeram desistir e desacreditar da minha trajetória. Sofri com crises psicológicas, sendo julgada e condenada por professores sem empatia, mas frequentei consultórios de profissionais que me ajudaram a continuar. Questionava se a minha jornada, desde o ingresso na Universidade até a conclusão da graduação, teria alguma validade. Se realmente a UnB era para todes, todas e todos. Se nós, as negras, não ficaríamos sempre para trás. O corpo docente na UnB ainda é formado majoritariamente por pessoas brancas, os autores das disciplinas são brancos; como ser reconhecido nesse sistema educacional que não foi construído para nós?

Essa luta diária, que não é só minha, mas de negros, quilombolas, indígenas, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, me levou ao Centro de Convivência Negra (CCN). Produzi artigos, curtas, documentário e exposição sobre a temática negra, além de integrar a comissão da II Conferência da Assistência Estudantil, durante a pandemia em 2021. Buscamos construir e fortalecer as políticas afirmativas no interior da UnB, para que outros como eu não tenham que passar pelo que passei durante esses sete anos de UnB; para que possam ingressar e permanecer na Universidade de forma digna, tendo seus direitos básicos garantidos por todos os setores da instituição – reitoria, conselhos, departamentos, diretorias –; para que o sistema educacional da UnB seja reestruturado com a criação de novos programas de apoio, que favoreçam não só o acesso ao ensino superior, mas a permanência, aumentando nossas perspectivas na academia, com nosso ingresso na pós-graduação – mestrado e doutorado –, e prevendo também a abertura de concursos públicos apoiados nas políticas étnico-raciais e mais incentivo à produção e publicação de trabalhos voltados às temáticas raciais.

Referências

BRITO, Katia Silene Souza de. *A relação entre as TICs e a Cibermuseologia: O estudo de caso da Exposição Leonardo Da Vinci – 500 anos de um Gênio*. Monografia (Museologia) – Faculdade de Ciências da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

DA SILVA OLIVEIRA, Joquebede Teles; DE BRITO, Kátia Silene Souza. Estudos sobre Museologia Virtual e Cibermuseologia: Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ou Tecnologias Sociais (TS) na gerência das informações dos museus? *In: SEBRAMUS*, 4., 2019.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice